

## CORA CORALINA E MACHADO DE ASSIS: EDUCAÇÃO, VIDA E OBRAS

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida<sup>1</sup>

Rosângela Soares de Almeida Ribeiro<sup>2</sup>

Luciana Luiza da Silva Soares<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo fazer um estudo sobre a vida e obra da poetisa Cora Coralina e do poeta Machado de Assis. Buscando nos poemas/conto o tema educação, como era a sociedade daquela época. Apoiados nos referências teóricas- metodológicos de ALMEIDA (2009), GOMES(2021), GONÇALVES(2004, PERES E BORGES(2015), CAMBI(1991), GLEDSON(2006) e LIBÂNIO(2001). Nossa reflexão será com um olhar detalhado sobre os autores literários Cora Coralina e Machado de Assis, a partir de uma perspectiva contextual e global. Visto que estes autores serão situados no seu contexto individual, familiar e histórico; sendo assim, na poesia e no conto, podem ser exploradas as dimensões histórica, econômica e sociológica da sociedade. Diante de todo o estudo realizado foi possível observar que a literatura nos permite conhecer a vida em suas dimensões mais secretas e nos possibilita diferentes olhares sobre as temáticas que os poemas podem suscitar. A literatura, contudo, sofre, ao longo dos séculos, mutações infinitas, mas sempre conquistando sua solidificação como forma de beleza, de aprendizagem e de espiar o mundo. Buscamos investigar sobre a educação presentes nas escritas de Cora Coralina e Machado de Assis e também a consonância dos textos com a literatura.

**PALAVRAS-CHAVE :** Cora Coralina. Machado de Assis. Educação. Literatura.

---

<sup>1</sup>Doutora em História Cultural (UNB); Mestre em História e Filosofia da Educação(UNICAMP); Pedagoga(UCG/PUCGO); Ex-profa.Adjunta FE/UFG. Atualmente é Profa. Adjunta da PUC Goiás/PPGE. Linha de Pesquisa: Educação, Sociedade e Cultura. Líder do Diretório/CNPq - Grupo de Pesquisa "Educação, História, Memória e Culturas em Diferentes Espaços Sociais"- HENCES/HISTEDBR. Zeneide.cma@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/5736362178244406>. OrcidID <https://orcid.org/0000-0003-2220-9932>

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação pela PUC-Goiás; (Bolsista TAXA CAPES/PROSUC). Mestra em Letras (PUC-Goiás). Pós-Graduada em Língua Portuguesa (Universo); Graduada em Letras (UEG). Professora da Rede Municipal em Alvorada-TO. Integrante do Diretório/CNPq- Grupo de pesquisa "Educação, História, Memória e Culturas em Diferentes Espaços Sociais. E-mail: rosangela.almeida123@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/2730832887948216> OrcidID <https://orcid.org/0000-0003-1955-7573>

<sup>3</sup> Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação PUC-Goiás, (Bolsista TAXA CAPES/PROSUC); Mestra em Letras- literatura e crítica literária (PUC-Goiás); Pós-Graduada em Métodos e técnicas de Ensino(Universo);Graduada em Artes Visuais (UFG-Goiás); Graduada em Letras(UEG-Goiás). Professora efetiva da Rede Estadual do Município de Trindade - GO. Integrante do Diretório/CNPq- Grupo de pesquisa "Educação, História, Memória e Culturas em Diferentes Espaços Sociais. E-mail: luciana.luiza11@gmail.com <http://lattes.cnpq.br/4699032396679993> OrcidID <https://orcid.org/0000-0003-0124-5379>

**ABSTRACT:** This article aims to study the life and work of the poet Cora Coralina and the poet Machado de Assis. Searching in the poems/story the education theme, as was the society at that time. We will support the theoretical-methodological references of ALMEIDA(2009), GOMES(2021), GONÇALVES(2004, PERES E BORGES(2015), CAMBI(1991), GLEDSON(2006) and LIBÂNEO(2001). about the literary authors Cora Coralina and Machado de Assis, from a contextual and global perspective. Since these authors will be situated in their individual, family and historical context; thus, in poetry and in the short story, the historical dimensions can be explored , economic and sociological aspects of society. In view of all the study carried out, it was possible to observe that literature allows us to know life in its most secret dimensions and allows us to have different perspectives on the themes that poems can raise. Literature, however, suffers, over the centuries, infinite mutations, but always conquering its solidification as a form of beauty, of learning and of spying on the world. We seek to investigate about the education present in the writings of Cora Coralina and Machado de Assis and also the consonance of texts with literature.

**KEYWORDS:** Cora Coralina. Machado de Assis. Education. Literature.

## Introdução

*O saber a gente aprende com os mestres e os livros.  
A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.  
(Cora Coralina)*

Machado de Assis viveu seus 69 anos na cidade do Rio de Janeiro, presenciando os grandes episódios da segunda metade do século XIX e percorrendo sobre eles em seus escritos. A vida do maior escritor brasileiro de todos os tempos, embora muito estudada, ainda é bastante desconhecida. Machado de Assis pouco escreveu diretamente sobre sua infância e juventude, e, muitas vezes, ele parece silenciar sobre vários aspectos de sua vida pessoal. Mesmo na maturidade, quando se havia tornado uma figura de prestígio público, há ainda aspectos bastante obscuros de sua experiência.

Menino pobre, mulato, nascido no Morro do Livramento, próximo ao centro da cidade do Rio de Janeiro, capital, sede dos poderes do Império do Brasil, numa situação social precária, subiu todos os degraus possíveis para quem contava apenas com seu trabalho, vindo a falecer em confortável situação econômica, numa história repleta de méritos próprios.

Fundador da Academia Brasileira de Letras tornou-se o mais importante escritor de sua época no país, reconhecido ainda em vida; tudo isso coroado, como um símbolo final, foi um dos maiores símbolos de escritor da sua época.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, no dia 21 de junho, filho de Francisco José de Assis, um pintor de paredes e dourador, mulato, filho, por sua vez, de escravos alforriados e de uma portuguesa açoriana, imigrada menina para o Brasil, Maria Leopoldina Machado de Assis, que fazia serviços domésticos. Estes sabiam ler e escrever, coisa bastante rara para sua condição social; casaram-se relativamente tarde: ela com 26 anos, ele com 32. Sua família – os pais, ele e uma irmãzinha mais nova, Maria, que morreu de sarampo aos 5 anos – formou-se na condição de agregada família rica que vivia numa propriedade senhorial, no Livramento; pai e mãe trabalharam ali. Os padrinhos do menino foram pessoas dessa família, o que é mais um sintoma de sua condição humilde, porque era típico que filhos de agregados buscassem a proteção dos senhores mediante apadrinhamento.

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas foi uma grande poetisa de algumas gerações goianas, expressando a sua voz em forma de poesia a toda família brasileira. Cora Coralina, a goiana com os seus versos marcantes, nasceu no interior de Goiás, o seu dizer poético descortina a geração de um povo simples com as ideologias política e religiosa de uma sociedade interiorana da sua época.

Cora Coralina (1889-1985), poeta e contista, possui uma obra com várias temáticas que nos envolve a cada poema lido. Pesquisar vida e obra da Cora Coralina é poder ver de perto uma sociedade da qual a poetisa fez parte. É revivenciar um cenário educacional ter uma visão de um tempo em que as mulheres não tinham um lugar privilegiado na sociedade e eram discriminadas, pois na época de Cora, o mais importante era arrumar um bom casamento, isso bastava, ou seja, a moça bem casada era também bem vista pela sociedade.

A poetisa apresenta uma riqueza de lembranças em cada poema lido, de um passado que abrange a nossa realidade, de uma pessoa aparentemente sensível, no entanto, guardava uma ferramenta imprescindível, que era a arte da escrita da sua memória. Como menciona a autora Almeida(2009):“Visto que a experiência humana não se dá no isolamento, ela é sempre uma produção coletiva, uma repetição das experiências, num processo de interação entre memória, história de vida e a

construção da identidade”. Desta maneira, Cora Coralina, na força ímpar das suas palavras, construiu seu cotidiano em forma de versos, fez parte de um tempo em que mulheres falavam pouco ou se calavam, não tinham voz ativa, devido à sociedade excludente da época.

A autora começou a escrever com catorze anos de idade e produziu inúmeros poemas. Soube dosar os seus temas e as suas escritas e seu pensamento poético está além do seu tempo. Cora Coralina escreveu com o coração, numa linguagem trazida de uma infância pobre, mas recheada de sonhos de criança.

Cora foi uma mulher destemida, forte, mãe, escritora das causas sociais através das suas escritas. A poetisa surge no século XX, em um período marcado por várias transformações culturais e sociais. Como podemos constatar na citação a seguir:

A mulher doceira, mãe, esposa, poeta de versos e prosa, voz de todas as mulheres. Apesar de sua obra integrar o século XX, ela continua muito atual e pertinente, pois trata de temas e problemas que continuam a ecoar em nosso tempo e em nossas vivências subjetivas. (GOMES, 2021, p. 1)

De acordo com Gomes (2021), Cora foi várias vozes de uma mulher em várias épocas, que ecoava e denunciava uma sociedade sem expor sua fala por parte da mulher. Mas essa mesma mulher exercia vários papéis dentro de casa, somente para agradar ao esposo, hoje se tornou a pessoa que provou para a sociedade que é capaz, tanto quanto um homem de exercer várias funções. Nota-se no mercado de trabalho, mulheres delegando diferentes funções, comprovando as suas capacidades em diferentes esferas da sociedade.

E aquela mulher que outrora exercia só os trabalhos de casa, aos poucos foi ganhando espaço cada vez mais no mercado de trabalho, como podemos constatar no poema a seguir, como era a escola antigamente.

### **A escola da mestra Silvina**

Minha escola primária...  
Escola antiga de antiga mestra.  
Repartida em dois períodos  
para a mesma meninada,

das 8 às 11, da 1 às 4.  
Nem recreio, nem exames.  
Nem notas, nem férias.  
Sem cânticos, sem merenda...  
Digo mal — sempre havia  
distribuídos  
alguns bolos de palmatória...  
A granel?  
Não, que a Mestra  
era boa, velha, cansada, aposentada.  
Tinha já ensinado a uma geração  
antes da minha.

A gente chegava "— Bença, Mestra."  
Sentava em bancos compridos,  
escorridos, sem encosto.  
Lia alto lições de rotina:  
o velho abecedário,  
lição salteada.  
Aprendia a soletrar.

Vinham depois:  
Primeiro, segundo,  
terceiro e quarto livros  
do erudito pedagogo  
Abílio César Borges —  
Barão de Macaúbas.  
E as máximas sapientes  
do Marquês de Maricá.

(...)

Num prego de forja, saliente na parede,  
estirava-se a palmatória.  
Porta de dentro abrindo  
numa alcova escura.  
Um velhíssimo armário.  
Canastras tacheadas.  
Um pote d'água.  
Um prato de ferro.  
Uma velha caneca, coletiva,  
enferrujada.

Minha escola da Mestra Silvina...  
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.  
Era todo o nome dela.

Velhos colegas daquele tempo,  
onde andam vocês?

(...)

E faço a chamada de saudade  
dos colegas:

Juca Albernaz, Antônio,  
João de Araújo, Rufo.  
Apulcro de Alencastro,  
Vítor de Carvalho Ramos.  
Hugo das Tropas e Boiadas.  
Benjamim Vieira.  
Antônio Rizzo.  
Leão Caiado, Orestes de Carvalho.  
Natanael Lafaiete Póvoa.  
Marica. Albertina Camargo.  
Breno — "Escuto e tua voz vai  
se apagando com um dolente ciciar  
de prece".

(...)

E a Mestra?... Está no Céu.

(CORALINA, 2014, p.64-65).

### **A escola da mestra Silvina- breve análise do poema de Cora Coralina**

*"Poeta, não somente o que escreve".  
É aquele que sente a poesia,  
se extasia sensível ao achado  
de uma rima, à autenticidade de um verso".  
(Cora Coralina)*

Trata-se de um poema repleto do exercício disciplinar, que retrata uma sociedade marginalizada escrito na primeira edição em 1965. Outra característica marcante é nas escritas de Cora Coralina é a denúncia as várias esferas de uma sociedade. Como podemos observar na citação a seguir:

Cora Coralina fez parte do grupo de mulheres que se bateram contra a postura hegemônica masculina e contra os limites impostos pelo machismo. Como elas, criou estratégias femininas para gerar possibilidades de resistência social à exclusão e fazer mudar a História. Como as francesas, Cora percebeu sua exclusão do espaço público e explicitou, em suas obras, seu papel social, em que são planteados problemas de práticas institucionais e da situação da mulher na sociedade, de ontem e de hoje (GONÇALVES, 2004, p. 77).

Segundo o autor citado acima, o professor não tinha autonomia em uma escola tradicional, os alunos eram meros ouvintes, não existia a participação do alunado e nem uma escola própria destinada aos alunos. Na escola tradicional tudo era imposto, assim ela dialoga com as lembranças de uma escola do passado, narrando em forma de versos o que a poetiza viu e viveu. Os elementos presentes no poema “a escola da mestra Silvina” é da vida cotidiana simples e as escritas são com traços modernistas.

Percebe-se que a autora utiliza uma linguagem coloquial. De acordo com Peres e Borges (2015, p.39), a poetisa empregou “em seus escritos, a linguagem que melhor se adaptou ao seu empreendimento poético: a coloquial. Conscientemente em seus textos, há o resgate de uma linguagem perdida, presente nos verbetes dos dicionários, mas há muito em desuso”.

Nos versos do poema supracitado, percebemos versos livres sem rima de uma naturalidade na voz poética e de questões universais como: o ensino escolar, a presença da mulher no mercado de trabalho, a concepção da criança e de todas as dificuldades da vida.

Nota-se a mestra Silvina, que na época não havia chamada, mas sim um ritual de entradas com “Bença Mestra” (CORALINA, 2014, p. 62), nesse fragmento percebe-se a maneira respeitosa de os alunos cumprimentarem a professora fazendo uma pausa. Apresenta uma escola de maneira tradicional, onde o eu lírico do início ao fim do poema seguem as regras: os alunos devem entrar na sala de aula, ler em voz alta, soletrar as palavras, cobrir as letras, fazer os exercícios, decorar a tabuada em coro.

Percebe-se que as tarefas propostas são um processo de memorização pela repetição, as palavras têm somente características sonoras.

A escola da mestra Silvina, nos repassa a forma de disciplina rígida e como era o processo de ensino no cotidiano escolar, com as séries juntas, as meninas eram separadas dos meninos, notando o professor possuidor do saber e em relação aos castigos severos. Nesta época, não existiam prédios escolares, as aulas eram em casas ou casarões.

O *eu lírico* classifica a professora Silvina como uma pessoa boa, idosa e cansada, com muitos anos de profissão. Ela havia ensinado a outras gerações e, embora fosse aposentada, ainda continuava a ensinar. Os alunos da escola da mestra Silvina realizam atividades, mas sempre controlados pela professora, percebe-se neste contexto a professora sendo a única possuidora do saber e os alunos passivos no comando da professora. Desta maneira, nota-se que os alunos obedecem ao que era imposto, chegando à sala de aula sentava nos bancos e liam em voz alta o alfabeto e as lições.

Adentrar ao universo de Cora Coralina é reviver um passado, que a poetisa viveu no período do reinado de D. Pedro II, num casarão onde funcionavam as aulas, e que os alunos não tinham voz ativa. Demonstra a escola sempre num mesmo “tom”, ou seja, aquele ritual de chegada, a mesma cartilha, todos sentados em bancos sem encosto, nos repassa uma cena de uma escola maçante, monótona, em todos os versos do poema podemos construir uma imagem da escola da mestra Silvina, de uma professora com muitos anos de profissão e que não pode usufruir da sua aposentadoria.

Conforme Cambi (1999, p. 35) “a educação também muda profundamente: ela é ainda, transmissão da tradição e aprendizagem por imitação.” Conforme o autor, a educação tende a seguir alguns parâmetros de um ensinamento já ultrapassado, mas de uma maneira bem lenta, a educação vai aos poucos se resignificando. Podemos perceber que ainda existem alguns professores que são favoráveis a uma escola tradicional e que não se esforçam por mudarem, visto que tudo mudou ao nosso redor, os nossos alunos a cada dia apresentam novos comportamentos, novas formas de aprendizagens.

As escritas da autora nos revelam plurissignificação poética em cada verso do poema, revelando o contexto histórico mesclando a sua simplicidade em forma de poetar.

Destarte, a temática do poema “A escola da mestra Silvina” nos relata uma sociedade que era imposta pelo poder do autoritarismo relembrando as leis de uma educação rígida, que um dia feriu a alma de muitas crianças do seu tempo.

A seguir veremos o Conto de escola do Machado de Assis, que relata um professor e sua metodologia de ministrar a aula naquela época, e em seguida a análise do texto.

### O Conto de escola

A escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840. Naquele dia - uma segunda-feira, do mês de maio - deixei-me estar alguns instantes na Rua da Princesa a ver onde iria brincar a manhã. Hesitava entre o morro de S. Diogo e o Campo de Sant’Ana, que não era então esse parque atual, construção de gentleman, mas um espaço rústico, mais ou menos infinito, alastrado de lavadeiras, capim e burros soltos. Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão.

Na semana anterior tinha feito dois suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. As sovas de meu pai doíam por muito tempo. Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante. Sonhava para mim uma grande posição comercial, e tinha ânsia de me ver com os elementos mercantis, ler, escrever e contar, para me meter de caixeiro. Citava-me nomes de capitalistas que tinham começado ao balcão. Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes.

Subi a escada com cautela, para não ser ouvido do mestre, e cheguei a tempo; ele entrou na sala três ou quatro minutos depois. Entrou com o andar manso do costume, em chinelas de cordovão, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Chamava-se Policarpo e tinha perto de

cinquenta anos ou mais. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta; depois relanceou os olhos pela sala. Os meninos, que se conservaram de pé durante a entrada dele, tornaram a sentar-se. Tudo estava em ordem; começaram os trabalhos.

- Seu Pilar, eu preciso falar com você, disse-me baixinho o filho do mestre. Chamava-se Raimundo este pequeno, e era mole, aplicado, inteligência tarda. Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos; vencida com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro. Reunia a isso um grande medo ao pai. Era uma criança fina, pálida, cara doente; raramente estava alegre. Entrava na escola depois do pai e retirava-se antes. O mestre era mais severo com ele do que conosco.

— O que é que você quer? — Logo, respondeu ele com voz trêmula.

Começou a lição de escrita. Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção. Note-se que não era pálido nem mofino: tinha boas cores e músculos de ferro. Na lição de escrita, por exemplo, acabava sempre antes de todos, mas deixava-me estar a recortar narizes no papel ou na tábua, ocupação sem nobreza nem espiritualidade, mas em todo caso ingênua. Naquele dia foi a mesma coisa; tão depressa acabei, como entrei a reproduzir o nariz do mestre, dando-lhe cinco ou seis atitudes diferentes, das quais recorro a interrogativa, a admirativa, a dubitativa e a cogitativa. Não lhes punha esses nomes, pobre estudante de primeiras letras que era; mas, instintivamente, dava-lhes essas expressões.[...] (ASSIS, 1994)

### **O Conto de escola- breve análise do conto de Machado de Assis**

*O Mestre deve ser meio sério para dar autoridade à lição e meio risonho para obter o perdão da correção.  
(Machado de Assis)*

O Conto de escola de Machado de Assis escrito em 1840 nos destina a uma época de regras severas no cenário educacional do século XIX. O conto é narrado em

primeira pessoa, pelo personagem Pilar já adulto, contando sobre as suas lembranças da escola quando ele tinha dez anos.

Remete-nos aos vários questionamentos em relação à postura de um professor da época, que era considerado detentor do saber e não aceitava questionamentos, e nos relata também a postura do alunado em relação ao professor, que de tão rígido que era os alunos tinham muito receio até de perguntar algo, também não podia faltar às aulas, sendo as escolas tradicionais numa época em que os castigos eram bem severos como a da “palmatória”.

A narrativa relata o menino Pilar, que era o mais inteligente da sala e que não queria ir a escola sentia-se mais atraído pelos colegas da rua. O Raimundo era o filho do professor, era um aluno que tinha dificuldade de aprendizagem, era o mais lento da turma e o Curvelo, era o mais velho da turma, que estava de olho para contar tudo ao professor. De acordo que vamos adentrando na narrativa, percebemos alguns aspectos presentes na escola atual e na sociedade. Um exemplo é o caso de corrupção explícito no conto e de pessoas semelhantes a Curvelo dedo duro, que à custa dos outros quer se dar bem e não pelos seus próprios méritos.

Em relação ao ano que foi escrito o conto, podemos observar na citação a seguir:

A referência a maio de 1840 é cuidadosamente escolhida. A Regência estava acabando, em um sentido muito específico: esse foi o mês em que uma seção do partido liberal propôs pela primeira vez a antecipação da Maioridade de d. Pedro II, que faria dezoito anos em 1843, mas que foi de fato proclamado maior de idade quando ainda tinha catorze anos, em 23 de julho de 1840. (GLEDSON, 2006, p. 93)

Conforme a citação do autor (2006) pode-se observar que a narrativa deixa indícios, que estava acontecendo no país. Adentrando nas escritas machadianas, a postura do professor lendo o jornal, de acordo com Gledson (2006, p. 94) “ele não podia ver nada, estava concentrado ao jornal, lendo com fogo, com indignação”. A expressão deixa perceber que ele não estava conformado com os acontecimentos que lia no jornal. Com idade adiantada, também a figura do professor não era tão valorizada na época. Esta expressão de o professor chegar à sala de aula, abrir o jornal e se concentrar, nos passam a impressão que os acontecimentos da época

eram prioridade para ele, e não o alunado ali na sua frente com todo respeito que se tinha pelo professor da sua época, esperando para que iniciasse a aula.

Na narrativa, podemos observar a repudia do professor fixado em cada linha do jornal e da sua atitude perante aos alunos, como se pode verificar a seguir: “Policarpo bradou de novo que lhe desse a moeda, e eu não resisti mais, meti a mão no bolso, vagorosamente, saquei-a e entreguei-la. Ele examinou-a de um e outro lado, bufando de raiva; depois estendeu o braço e atirou-a a rua”.

Quando deparamos com as escritas machadianas e coralíneas faz nos inquietar. É como mergulhar num universo chamado Brasil antigo. E a vontade é de cada vez mais seguir avante as pesquisas desses dois escritores que viveram épocas distintas, mas no contexto educacional nos mostram e fazem críticas através da arte da palavra. Como podemos observar na citação de Libâneo a seguir:

A sociedade contemporânea, ao mesmo tempo em que se globaliza, cria novos patamares de progresso material, amplia a exclusão social. Nosso desafio é uma escola incluyente. Mas também uma escola atual, ligada no mundo econômico, político, cultural. A luta contra a exclusão social e por uma sociedade justa, uma sociedade que inclua todos, passa fundamentalmente pela escola, passa pelo nosso trabalho de professores. (LIBÂNEO, 2001, p.24)

De acordo com as palavras do autor Libâneo (2001) é na escola que acontece toda uma mudança na vida do sujeito, numa sociedade globalizada, onde tudo progride, o que é mais desafiador para o professor é fazer com que todos os alunos façam parte do mesmo processo, inseri-los neste mundo cada vez mais competitivo, contestador para os profissionais da educação.

Conclui-se que o poema “A escola da mestre Silvina, da Cora Coralina e o Conto de Estudante, de Machado de Assis” abordam a sociedade que ambos fizeram parte, são de épocas distintas sendo cada um no seu contexto histórico, abordando o universo escolar de cada um dos poetas.

## Considerações finais

*“Todo o passado da humanidade contribui para fazer o conjunto de máximas que dirigem os diferentes modelos de educação, cada uma com as características que lhe são próprias”.*

Os poemas de Cora Coralina propiciam uma análise da condição feminina, visto que muitos deles retratam a mulher oprimida, onde a sua voz era através das escritas e os preconceitos que incidiam sobre ela.

Já o Conto de escola, de Machado de Assis faz parte de uma sociedade em meados do século XIX, o poema A escola da mestre Silvina de Cora Coralina aborda o século XX ambos os textos apresentam a sociedade a cultura da época, seus valores morais e sociais. A literatura propicia ao leitor conhecer o universo concreto da sociedade de cada um dos autores.

Percebe-se o distanciamento cronológico de ambos, quando aprofundamos nas escritas dos autores, constatamos em vários contextos que apresentam vários comportamentos dos professores, por exemplo, sendo detentores do saber e o uso da palmatória sempre que fosse necessário. Os alunos sentados nos bancos e de um ensino simultâneo. As aulas funcionavam de período integral e separava as meninas dos meninos. Percebemos também que na época não haviam escolas apropriadas para tais demandas. A presença das categorias obediência e poder que podemos observar em ambos os textos do início ao fim.

Dessa maneira, o conto e o poema analisado possibilitam refletir sobre uma educação retrógrada, onde os alunos não podiam argumentar, tendo como o mestre um autoritário, não tinha e nem apresentava gesto de carinho para com os discentes, não dava abertura de diálogo para com os seus alunos. Outro ponto essencial, os alunos não sentiam vontade de ir para a escola, ou seja, não existia nada de atrativo para que eles priorizassem os estudos.

Para Libâneo (2005), “educamos ao mesmo tempo para a subjetivação e a socialização, para a autonomia e para a integração social, para as necessidades sociais e necessidades individuais”. Ou seja, a educação do sujeito se dá na sua integridade que torna um ser humano completo, participativo de uma sociedade mais humanizada.

Por fim, a análise dos dois textos de Machado e Cora, faz-nos viajar ao passado, refletir o que avançou no sistema educacional e o que está por vir numa educação. O que pode melhorar a cada dia em seus variados contextos, graças ao

passado, porque podemos indagar, repensar, ressignificar, expor o nosso ponto de vista e também fazer uma autorreflexão sobre o nosso papel na condição de professores numa sociedade, pois segundo Cambi (1999, p. 52), “a educação não é um destino, mas uma construção social, o que renova o sentido da ação quotidiana de cada educador.”

Destarte, adentrar no universo literário faz-nos refletir como somos/estamos como professores no cenário educacional do século XXI. E através das escritas deixadas por esses dois autores poderemos ser profissionais e pessoas melhores a cada dia. Pois vivemos numa sociedade excludente em seus vários contextos sociais e educacionais.

## Referências

ALMEIDA, Maria Zeneide Carneiro Magalhães de. **Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944)**. Tese de Doutorado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UNB. Orientadora: Doutora Cléria Botelho da Costa. Brasília – DF, 2009. 311 f.

ASSIS, Machado de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. V. II.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999

CORALINA, Cora. **Poema dos becos de Goiás e estórias mais**. 23ª ed. São Paulo: Global, 2014.

CORALINA, Cora. **Meu livro de Cordel**. 18º Ed. – São Paulo: Global, 2013.

GLEDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: Ensaios**. São Paulo. Companhia das letras, 2006.

GONÇALVES, Ana Maria. **Educação secundária feminina em Goiás: intramuros de uma escola católica (Colégio Sant’Ana – 1915/1937)**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, 2004.

GOMES, Marta Bonach. **A vida mera das obscuras: Mulher prodigiosa: na história literária de Goiás e na expressividade lírica e poética**. Goiânia: Kelps, 2021.

LIBÂNEO, José C. As Teorias Pedagógicas Modernas Revisitadas pelo Debate Contemporâneo na Educação. In LIBÂNEO, J.C.; SANTOS, A. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

**Revista Científica FacMais** – Faculdade de Inhumas, Volume XIX, Número 1. Dezembro. Ano 2022/2º Semestre. ISSN 2238-8427. Artigo recebido no dia 28.10.2022 e aprovado em 12.11.2022.

PERES, Eliane Teresinha; BORGES, Francieli. Relações entre história e literatura: a obra de Cora Coralina e as questões do ensino e dos processos de escolarização no final do século XIX e início do século XX. **Revista Brasileira História Educação, Maringá** - PR, v. 15, n. 2 (38), p. 23-53, maio/ago, 2015. Disponível em: [http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38923/pdf\\_66](http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38923/pdf_66) . Acesso em: 10 jan. 2015.

Revista Nova Escola, 166, out 03, 2020. **Émile Durkheim**. Disponível em : <https://novaescola.org.br/conteudo/7224/emile-durkheim> Acesso em: 10 nov.2021.